

Não discriminação | Na “pele” do outro

Ficha do/a Professor/a

Valores

Tolerância, Altruísmo, Compreensão, Respeito, Solidariedade

Objetivos

Pedagógico: Refletir sobre a importância dos valores para a boa convivência entre os “povos” Europeus.

Prático: Ler e analisar um artigo jornalístico sobre xenofobia/racismo. Dramatizar uma reunião comunitária.



Participantes

Mínimo: 7 participantes

Máximo: 30 participantes

Tempo

90 a 120 minutos

Material

Ficha da atividade a entregar a cada aluno/a

Briefing

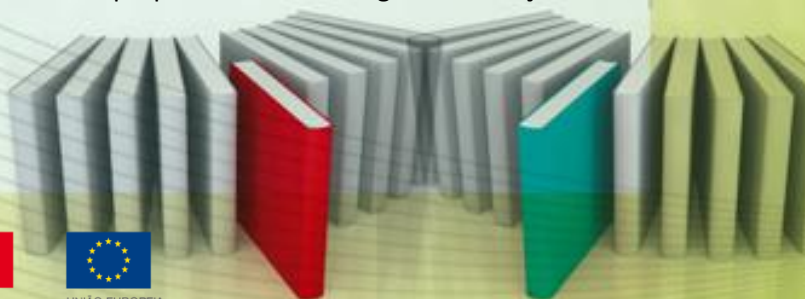
No primeiro momento do exercício, os/as alunos/as leem individualmente o artigo do Jornal Público “Portugueses vítimas de ataques racistas na Irlanda do Norte”. De seguida o/a professor/a analisa com a turma a problemática retratada, identifica os/as intervenientes e esclarece a situação de cada um deles.

Após uma breve análise conjunta do texto, a turma deve ser dividida em 7 grupos, com vista à realização de um *roleplay* em que se dramatiza uma reunião comunitária. A cada grupo é atribuído um papel (personagem/instituição):

1. Vítima (comunidade portuguesa);
2. Agressor (alguns membros da comunidade local);
3. Representante da Comunidade Dungannon;
4. Empresários/as;
5. Polícia;
6. Gabinete para a Proteção das Minorias Étnicas;
7. Observadores.

É dado um tempo para que cada grupo possa preparar os seus argumentos relativamente à sua posição perante a problemática em questão e apresentar soluções para minimizar os ataques à comunidade portuguesa.

O grupo dos observadores tem como objetivo anotar e avaliar os principais argumentos e no final tomar partido do grupo com maior eficácia. Este grupo deverá preparar a sua estratégia de avaliação.



Não discriminação | Na “pele” do outro

Ficha do/a Professor/a
(continuação)

Briefing (cont.)

O/a professor/a deve deixar claro para os/as alunos/as que estes/as estão a representar um papel e que devem colocar-se na “pele do outro”, independentemente da sua opinião pessoal. Deve também reforçar que os argumentos e as propostas de solução devem ser claros, incisivos e convictos na dramatização.

Cada grupo tem 5 minutos para apresentar a sua posição e soluções para minimizar os incidentes de violência e, numa segunda ronda, outros 5 minutos para contra-argumentar.

No final, o grupo de observadores tem cerca de 5 minutos para discutir, entre si, qual foi o grupo que melhor argumentou a sua posição.

Notas

No *Briefing* não se deve avançar para o debate, mesmo que ele surja espontaneamente, ficando apenas na exposição do contexto da situação retratada.

A análise do texto deve apenas assegurar que os/as alunos/as compreenderam a situação e os intervenientes retratados.

Para apoio documental sobre o *Observatório Europeu do Racismo e da Xenofobia* sugere-se a consulta do site http://europa.eu/legislation_summaries/other/c10411_pt.htm.

Debriefing

O/a professor/a, com a colaboração dos/as alunos/as observadores/as, procede à síntese e conclusão do exercício, moderando o debate em torno de questões como:

Foi fácil colocar-se na “pele do outro” e defendê-lo, apesar de a vossa opinião ser diferente?

Qual foi o grupo que melhor argumentou e porquê?

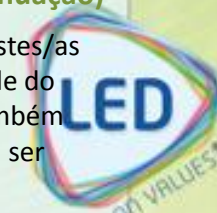
Já alguma vez estiveram num destes papéis ou presenciaram uma situação semelhante? O que sentiram?

Quais são os principais efeitos do racismo para as vítimas e para os agressores?

Que medidas consideram mais relevantes para a prevenção ou resolução deste tipo de conflitos?

De que forma é que o Tratado Europeu reconhece estes valores e os direitos e deveres dos cidadãos?

Se tivessem a oportunidade de falar com alguém de uma das instituições da União Europeia sobre este tema, o que lhes diriam?



Não discriminação | Na "pele" do outro

Ficha do/a aluno/a

1) Lê o seguinte artigo individualmente, "Portugueses vítimas de ataques racistas na Irlanda do Norte" (29 de abril de 2002, *Público*):

O número crescente de emigrantes portugueses a trabalhar na região de Dungannon, na Irlanda do Norte, não deixou indiferente a comunidade local. Nos últimos dois anos, centenas de portugueses foram contratados para trabalhar nas empresas da indústria de carnes em Dungannon, uma pequena cidade rural a 65 quilómetros de Belfast. Desde então, multiplicaram-se os incidentes envolvendo trabalhadores portugueses, descritos num tom alarmista pela imprensa local. (...)

No ano passado (...) o número de ataques violentos a trabalhadores portugueses inquietou de tal forma as autoridades que chegou a provocar uma reação firme do Gabinete da Irlanda do Norte para a Proteção das Minorias Étnicas (NICEM), que apelou ao respeito por estes "cidadãos europeus que têm todo o direito de trabalhar [na Irlanda do Norte] se assim quiserem". No final de 2001, Thomas McGrath, um desempregado, de 20 anos, foi preso pela polícia britânica e condenado pelo tribunal depois de ter ameaçado e intimidado três portugueses. Alguns meses antes, um português de 36 anos foi transportado de emergência ao hospital na sequência de um ataque brutal que o deixou com dentes partidos e diversos cortes na cara. A vítima foi agredida por dois homens que empunhavam garrafas partidas e que a polícia não conseguiu identificar. O caso mais grave, no entanto, envolveu um grupo de cinco portugueses (três homens e duas mulheres) cuja casa, na Park Road de Dungannon, foi destruída por fogo posto. Um enorme depósito de gasolina foi incendiado e atirado para o jardim da casa, a meio da noite, enquanto os seus ocupantes dormiam. Os portugueses conseguiram escapar graças à intervenção de um vizinho, que alertou os bombeiros e a polícia. Na semana anterior, o mesmo grupo tinha sido intimidado com uma série de tijolos atirados através das janelas da casa. (...)

A investigação policial classificou estes incidentes como ataques racistas já que a nacionalidade das vítimas foi "determinante" e "quase sempre referida pelos agressores". Um porta-voz da polícia de Dungannon, no entanto, explicou ao PÚBLICO que a situação tem vindo a melhorar: "Estamos mais atentos e reforçámos as patrulhas nas áreas habitadas e frequentadas pelos portugueses. Além disso, identificámos uma série de indivíduos normalmente associados com este tipo de comportamento antissocial. De uma forma geral, as pessoas gostam dos portugueses. Eles adaptam-se bem e não causam problemas. Mas os incidentes acabam por acontecer de vez em quando". De acordo com um estudo publicado em Outubro pelos professores Paul Connolly e Michaela Keenan, da Universidade do Ulster, o racismo está a adquirir "dimensões inquietantes" na Irlanda do Norte. Cerca de dez por cento da população pertencente a uma minoria étnica foi alvo de violência física (29 por cento sofreu atentados à propriedade e 44 por cento enfrenta regularmente insultos racistas). O diretor-executivo do NICEM, Patrick Yu, não se surpreende com estes números e não tem dúvidas de que os portugueses são vítimas de racismo: "Existe um problema crescente de xenofobia na Irlanda do Norte. Os incidentes são praticamente diários, envolvendo comunidades estrangeiras provenientes de África, Ásia e, mais recentemente, do Leste e do Sul da Europa".



Não discriminação | Na "pele" do outro

Ficha do/a aluno/a
(continuação)

Cerca de meio milhar de portugueses trabalha atualmente na região de Dungannon, sobretudo na indústria de carnes, em empresas como a Moy Park, Linden Foods ou Dungannon Meats. Angariados através de anúncios publicados na imprensa portuguesa, estes trabalhadores são contratados por agências de emprego como a Atlanco (com sede em Dublin) ou a JSD Recruitment (Dungannon), que organizam o transporte e o alojamento dos portugueses. A região está a atravessar, nos últimos anos, um período de prosperidade económica e muitas empresas têm dificuldade em encontrar localmente mão-de-obra barata e não qualificada, que prefere os salários mais altos da Inglaterra ou da República da Irlanda. "A nossa empresa tem-se expandido muito nos últimos anos e simplesmente não existem trabalhadores suficientes para o número de empregos disponíveis. É tão simples como isso", diz Gareth Jones, das relações públicas da Moy Park, que dá emprego a cerca de 260 portugueses. Na fábrica da Moy Park de Dungannon, por exemplo, os portugueses constituem 20 por cento da força de trabalho. "Os portugueses são muito populares na nossa fábrica. São bons trabalhadores e bons colegas de trabalho", diz ainda Jones. De acordo com Carlos Moreira, da Atlanco, os portugueses contratados para a região de Dungannon recebem casa (com eletricidade e televisão pagas), transporte para o emprego e um bilhete de avião para Portugal. Os contratos têm a duração de seis meses e o salário líquido ronda as quatro libras (6,5 euros) por hora, podendo chegar às 5,3 libras (8,7 euros) no caso de horas extra. O salário mínimo bruto, no Reino Unido, é de 4,1 libras/hora (6,7 euros).

(Paulo Anunciação, London)

2. Para refletires em conjunto com a turma, verifica se compreendeste as seguintes questões do texto:

- 2.1. Qual é a principal questão do artigo?
- 2.2. Quem são os/as intervenientes?
- 2.3. Qual é a posição defendida por cada interveniente?

3. De modo a resolver a problemática retratada no artigo, as partes envolvidas têm uma reunião. Cada elemento irá defender a sua posição e apresentar sugestões para ultrapassar o conflito instalado. O teu grupo fará o papel de um dos intervenientes na reunião, portanto analisa a posição de _____ (a designer pelo/a professor/a) e apresenta as tuas propostas.

Posição	Sugestões/Propostas

